



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Esthéfane Vitória Antunes Silva

BELEZA DA MULHER NEGRA NA MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM
AUTÔNOMA DO IDEAL DE BELEZA

Rio de Janeiro

2024

Esthéfane Vitória Antunes Silva

BELEZA DA MULHER NEGRA NA MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM
AUTÔNOMA DO IDEAL DE BELEZA

Monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador(a): Marise de Leão Ramôa

Rio de Janeiro

2024

Esthéfane Vitória Antunes Silva

BELEZA DA MULHER NEGRA NA MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM
AUTÔNOMA DO IDEAL DE BELEZA

Monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Aprovado em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Marise de Leão Ramôa
EPSJV/FIOCRUZ

Dênis Roberto da Silva Petuco
EPSJV/FIOCRUZ

Renata Vasconcelos
VEPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2024

Dedico esse trabalho ao amor da minha vida..

(Minha Mãe)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por te me guiado até aqui, e me amparado nos momentos difíceis. Agradeço também à minha família, e ao meus pais, Rosane e Evaldo que a todo tempo me deram apoio e me acalmaram nesse processo acadêmico.

Agradeço à minha mãe, pois foi ela quem me proporcionou a determinação, a coragem e a dedicação necessária para me sustentar durante esses 4 anos de Politécnica. Foi por meio dela que consegui encontrar a verdadeira batalhadora, sempre firme na luta pelos seus ideais e objetivos de vida.

Agradeço as minhas meninas (minha Vozinha, a minha eterna bailarina Rayane e minha princesa Nicolle), tenho certeza de que lá do céu estão desejando todo sucesso do mundo para mim.

Agradeço as minhas melhores amigas, Evelyn e Amanda, por terem me apoiado nessa caminhada e me dado todo suporte nos momentos de desorganização, desespero e angústia, em que temia não conseguir concluir esta pesquisa, que por fim, consegui. Sou ainda mais grata a Emily, que, de fato, é uma das minhas maiores inspirações neste trabalho e que esteve presente nos meus momentos de desespero. Sua história de vida e sua garra é o que mais me motiva. E aos meus outros amigos que de alguma forma tenham me ajudado, incentivando e me dando colo nos momentos de loucura. Sou muito sortuda em ter cada um de vocês em minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Marise de Leão Ramôa, por ter permanecido comigo até o final, me acalmado, me proporcionando risadas e grandes momentos de puro conhecimento em que sou eternamente grata. Obrigada por ter acreditado em mim e por fazer com que minha história fosse para o papel. Pude ter a certeza de que não foi apenas um TCC, mas uma das melhores oportunidades que já tive.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus professores, que, de alguma forma, contribuíram para esta pesquisa e foram essenciais na minha vida. Além de mestres, tive o privilégio de desfrutar e compartilhar momentos de vida com eles.

Gostaria de agradecer à escola que por muito tempo foi minha casa, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz: foram 4 anos da minha vida aqui, compartilhando diversos momentos com pessoas que pretendo levar para a vida. Cheguei na EPSJV com 18 anos, tímida e sem saber o que esperar. Nunca imaginei que, em apenas 4 anos, tantas coisas incríveis e desafiadoras aconteceriam. Foram tantos aprendizados, altos e baixos, conquistas e loucuras. Chorei, sorri e vivi momentos que jamais vou esquecer. De fato, esses 4 anos me transformaram na pessoa que sou hoje, na grande mulher que me tornei. Como diz o Paixão: "VOCÊ É RAINHA!" E esse, sem dúvida, é o meu lugar. Agradeço a cada um que fez parte da minha vida nesses anos, todos vocês foram especiais.

*Existe uma história
do povo negro sem o
Brasil; mas não existe
uma história do Brasil
sem o povo negro.
(Januário Garcia)*

RESUMO

O presente trabalho analisou o ideal de beleza feminina negra construído no campo social (coletivo) e apresentado pela mídia, tendo esta desempenhado um importante papel para a propagação do ideal colonizador de beleza feminina. Estudamos os conceitos de beleza ao longo da história, no período da Antiguidade à Contemporaneidade e analisamos a produção histórica do ideal de beleza feminina por meio das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Para tal, utilizamos como metodologia, pesquisa qualitativa, com revisão de literatura, pesquisa documental, além de análise foucaultiana de discurso.

Palavras-chave: Mídia, Ideal de beleza feminina, Corpo feminino, Mulher negra, Colonização.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. OBJETIVOS	15
1.1.1. OBJETIVO GERAL.....	15
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
2. METODOLOGIA	16
3. CAPÍTULO 1	17
4. CAPÍTULO 2	23
5. CAPÍTULO 3	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se baseia no ideal de beleza feminina construído no campo social e apresentado pela mídia, tendo esta um importante papel para a propagação do ideal colonizador de beleza feminina negra. A busca por um padrão de beleza ideal consiste em uma prática observada nas sociedades ocidentais desde a Antiguidade Clássica (BOTELHO, 2009). Os ideais de beleza são criados e modificados conforme os costumes de cada época, a partir de questões históricas e culturais.

Os seres humanos estão em constantes mudanças e com as interações sociais aprendem a avaliar e reavaliar seus corpos, construindo sua autoimagem e a modificando ao decorrer da vida (BECKER, 1999 apud DOS ANJOS & FERREIRA, 2021). A partir de um processo violento de colonização pautado no eugenismo racial, fomos, nós mulheres negras, coagidas em muitas circunstâncias, a materializar, em nossos corpos, a idealização corporal que nossa cultura impõe, colocando as imposições sociais acima das individuais, ocasionando a insatisfação corporal (TAVARES, 2003). Entendemos que precisamos romper com as dicotomias entre individual e social para construirmos um plano relacional, ao qual denominamos de coletivo, sendo este um plano de co-engendramento dos indivíduos e da sociedade (ESCÓCIA e KASTRUP, 2005). Para tal, precisamos analisar a influência da colonização europeia para a construção da imagem da mulher negra brasileira.

Apresentamos as abordagens positivas e negativas da mídia com relação ao corpo feminino, por meio de algumas tecnologias de informação e comunicação (TIC). Observamos que as informações midiáticas foram se baseando em ideais de beleza marcados pelo momento histórico e construídos no campo social. Essa visão estrutural pautada no ideal de beleza da mulher europeia produz uma distorção da imagem da mulher negra, algo totalmente moldado para que essa seja a visão do "corpo real". Os impactos causados na vida de mulheres e especificamente de mulheres negras, são perpetuadas por esse ideal eurocêntrico, tendo seus corpos colonizados.

Expomos as construções em torno dos conceitos de beleza ao longo da história, no período da Antiguidade à Contemporaneidade, para compreendermos se a mídia e as manifestações artísticas, assim como as TICs, podem ser utilizadas como ferramentas para resgatar a valorização da diversidade dos corpos femininos e contribuir para a desconstrução de um ideal de beleza e

analisamos as produções midiáticas e artísticas sobre a beleza feminina a partir dos conceitos de autonomia e de heteronomia.

METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso baseou-se em uma abordagem qualitativa, a partir de uma revisão da literatura científica e uma pesquisa documental, a partir das TICs. Usou como estratégia de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Scielo e Google acadêmico, além de livros de referência sobre a temática de autoras como Neusa Santos Souza, Grada Kilomba, Maria Aparecida Silva Bento, tendo como referência os descritores “mídia”, “ideal de beleza feminina”, “Corpo feminino”, “mulher negra” e “colonização”. Os critérios de inclusão foram apenas artigos em português, seguindo um recorte temporal de 20 anos e livros traduzidos para o português.

Este trabalho foi dividido em três capítulos, tendo sido apresentado um breve histórico a respeito da construção do ideal de beleza feminina; a relação entre esse ideal de beleza negra, a colonização, a decolonização e a relação entre o ideal de beleza feminina para mulheres negras, no que tange à mídia/ TICs.

No que tange às TICs abordamos, por via da análise de discurso foucaultiana, materiais apresentados a respeito da temática do ideal de beleza feminina, em propagandas de TV, blogs, revistas, entre outros dispositivos, a partir dos conceitos de autonomia e heteronomia.

Para a análise do movimento de decolonização/autonomia, utilizamos o conceito de discurso, de Michel Foucault, no que tange a construção de um discurso como uma afirmação do poder de uma classe social.

De acordo com Foucault, é possível observar como os discursos desempenham um papel crucial na construção da identidade, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Os discursos estabelecem padrões e normas que impactam na forma como os indivíduos se veem e como veem os outros. A análise foucaultiana do discurso proporciona um instrumento eficaz para compreender como o saber e o poder se conectam e como as bases sociais são estabelecidas e preservadas por meio da linguagem e das práticas discursivas.

Segundo Foucault, Discurso “(...) não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo o que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”(1996, p.10)

Dessa forma, compreendemos o discurso colonizador como uma ferramenta de controle e poder sobre corpos femininos negros.

1. CAPÍTULO 1

A IDEALIZAÇÃO DO BELO

A busca por um ideal de beleza esteve presente na cultura ocidental desde a Antiguidade, tanto no que tange ao feminino como ao masculino, em um movimento do culto ao corpo. Na Grécia Antiga, por exemplo, havia o culto ao belo e as Deusas Gregas eram idealizadas por padrões de beleza venerados na época, onde se exaltava a simetria (SUENAGA e LISBOA, 2012, p.5).

As esculturas eram construídas com proporções perfeitas e simétricas, era algo idealizado, visto que se buscava uma aproximação entre a imagem humana e as supostas características do divino, o que caracteriza uma idealização do humano e a construção da ideia de que o humano, ou melhor dizendo, um tipo de humano é entendido como construído à imagem e semelhança do divino.

Os Gregos enxergavam seus corpos como templos, e buscavam atingir um equilíbrio entre sua estrutura física, a mente e a alma. Havia também uma valorização do cuidado com a pele, estavam sempre à procura de métodos para melhorar a sua aparência.

Para analisarmos a construção de ideal de beleza feminina, partimos da construção histórica de beleza feminina baseada em um ideal de beleza europeu, problematizando essa relação de ideal de beleza para a mulher negra.

Para compreendermos o processo identificatório na construção da subjetividade, precisamos delimitar a relação entre o eu ideal e ideal do eu. Na perspectiva psicanalítica, segundo Jurandir Freire Costa (1983 apud SOUZA), no prefácio à edição do livro Tornar-se negro, de Neusa Santos Souza, psiquiatra e psicanalista negra, extremamente importante no campo da reforma psiquiátrica brasileira e no campo da psicanálise, o racismo é uma violência em relação a identidade do sujeito negro, que é sistematicamente desvalorizada e até destruída pela imposição de um ideal

de ego branco. Isso causa um conflito no sujeito negro, que é obrigado a adotar um projeto de identidade que nega suas características biológicas e culturais, criando um abismo entre sua identidade real e o ideal que foi imposto para ele. Essa tensão pode afetar negativamente o bem-estar emocional e mental do indivíduo negro, pois constantemente o coloca em uma posição de inadequação e alienação ao padrão europeu branco, ressaltando a importância do reconhecimento do ser negro.

Segundo Jurandir Freire Costa

O Ideal de Ego do negro, em contraposição ao que ocorre regularmente com o branco, é forjado, desrespeitando aquilo que, em linguagem psicanalítica, denominamos regras das identificações normativas ou estruturantes. Estas regras são aquelas que permitem ao sujeito ultrapassar a fase inicial do desenvolvimento psíquico onde o perfil de sua identidade é desenhado a partir de uma dupla perspectiva: 1º) A perspectiva do olhar e do desejo do agente que ocupa a função materna; 2º) A perspectiva da imagem corporal produzida pelo imaturo aparelho perceptivo da criança (p.03 apud SOUZA, 1983).

A identificação não é apenas um processo superficial de espelhamento, onde nos vemos refletidos no outro e nos identificamos com suas características. Em vez disso, Lacan (1961) propõe que a identificação é um processo complexo e dinâmico que ocorre na junção entre o eu e o outro, entre o sujeito e o mundo ao seu redor. Ele distingue dois tipos de identificação: a identificação imaginária e a identificação simbólica. A situação apresentada por Jurandir Freire Costa, baseada no livro de Neusa Santos Souza, refere-se a ausência de um eu ideal, absorvido pelo ideal do eu simbólico, que é tratado como o outro significativo. Isso não significa que o outro significativo, o simbólico, não mude com o eu ideal (o eu com características embrionárias) sem que exista qualquer ação simbólica no outro significativo. Como já observado, a formação do eu envolve símbolos, mas também é construída com imagens ditas irrealis, sempre baseadas em processos de alteridade que ocorrem na construção do indivíduo. O campo do imaginário está intrinsecamente relacionado ao eu humano. O eu, segundo Lacan, busca uma espécie de totalidade em outro eu, querendo se identificar completamente com ele. No entanto, essa busca

não é vista como um suporte ou base confiável. Enquanto imaginariamente essa junção é possível, na realidade somos confrontados com sua impenetrabilidade. (LACAN, 1961)

Iniciando por Freud (1914), percebe-se, em primeiro lugar, a necessidade de se fazer a distinção entre o eu ideal e o ideal do eu. O eu ideal pressupõe perfeição, valoração ao que caracteriza alguém como um ser ilibado, irreparável, sempre de natureza modelar. É, segundo Freud (1914), resultado do narcisismo dos pais. Antagônico ao eu ideal, tem-se o ideal do eu, influenciado por valores culturais, morais e críticos. Diz-se que o modelo, agora, não é o narcisismo dos pais, mas aquilo que é o próprio ideal do ser. É o que alguém projeta como o eu que pretende ser. Já não é a idealização narcisista dos pais, mas um desejo distinto da imposição do eu sonhado pelos pais. (LUCAS, 2018, p.44)

Nesse sentido, como fica a construção do ideal do eu de mulheres negras, devido aos valores culturais baseados em um ideal de beleza colonizador? E ainda mais, por um ideal pautado, também, em um discurso biomédico, que se transforma em um controle dos corpos de determinado grupo social.

O discurso biomédico apresenta visão limitada do processo saúde-doença e gera o que Kenneth Camargo Jr.(2013) chama de tirania da “saúde” e, por meio do discurso, uma expansão do conceito de saúde passa a controlar toda a experiência humana, transformando-se em uma medicalização da vida, pautada em ideais éticos e estéticos de uma proposta de vida baseada em viver muitos anos com o mínimo de doenças, sem qualquer discussão sobre como essa vida pode ser limitadora e sobre como tal discurso se complementa a uma mercantilização da vida, com o consumo de produtos descritos como de “saúde” e são criados vários dispositivos de controle corporal.

Dessa forma, na atualidade, a identidade feminina se constitui a partir de uma imagem do corpo das mulheres que se dá de forma harmônica entre a tríade beleza-saúde-juventude. Tal imagem é influenciada prioritariamente pela mídia. (DEL PRIORI, 2009).



Greg Lansky e sua obra Beleza algorítmica

Essa tríade beleza-saúde- juventude funciona como um modelo de ideal que influencia não apenas a autoimagem das mulheres, mas também a forma como elas são percebidas socialmente. Essa construção, embora pareça uma escolha individual, é fortemente moldada pela mídia, que desempenha um papel central na disseminação desses ideais e que reproduz o discurso biomédico.

A identidade feminina é influenciada pela mídia, que promove essa tríade beleza-saúde-juventude como padrão de ideal. Esses padrões criam uma pressão para que as mulheres se adequem a modelos muitas vezes inatingíveis. A ideia de saúde na sociedade atual está associada à estética, desconsiderando a diversidade dos corpos. Embora esses ideais sejam criticados, eles ainda moldam a autoimagem e a percepção social das mulheres.

1.1- A idealização do belo na mídia

No século XX, os meios midiáticos contribuíram para legitimar essa tríade, reforçando a concepção de que as formas redondas, antigamente associadas à saúde, agora não são bem-vistas, constituindo um novo critério de feiura. Dessa forma, devido à hegemonia das imagens, “instaurou-se a tirania da perfeição física. Hoje, todas querem ser magras, leves, turbinadas. Todas as mulheres parecem participar da sinfonia do corpo magnífico, quase atualizando as intolerantes teses estéticas nazistas” (DEL PRIORI, 2009).

A história vem sendo construída e contada por homens. Logo, a identidade feminina ou melhor dizendo, a construção de um sentimento de identidade feminina se dá a partir de uma cultura do patriarcado e do machismo.

Nesse sentido, é importante interrogar: Por que essa necessidade de perfeição? A ilusão nos provoca mais frustrações que prazer? Não será esse tipo de imagem que leva milhares de mulheres a se submeterem à tortura de uma operação plástica, a continuarem frustradas, umas mais, outras menos, com seus corpos reais, mesmo depois da transformação? (DEL PRIORI, 2009). Dessa forma, diante de tais indagações, faz-se necessária uma reflexão crítica frente a essas questões que surgem e se propagam na cultura e mais especificamente, na mídia, e, por conseguinte, influenciam diretamente na subjetivação não só das mulheres, mas também de todos os seres humanos.

Hoje em dia é possível observar, no campo social, que existe uma incessante ação, principalmente por parte das mulheres, pela busca de um ideal de beleza associado a perfeição estética, baseada na adoração dos corpos “perfeitos”.

Na sociedade ocidental atual, há um foco muito grande voltado para o corpo feminino, na dieta e no consumo excessivo de cosméticos, essencialmente impulsionados pelo crescimento da mídia em uma época em que o corpo feminino vem se destacando e ganhando mais visibilidade.

Ao mesmo tempo em que as diversas formas de intervenções estéticas se mostram como um meio de acesso ao ideal de beleza, por outro lado, revelam-se como uma via de entrada a várias inquietações, nas quais o corpo parece expressar, simultaneamente, a chave e o enigma dessas questões. Isto é, “paralelo ao investimento em uma imagem de corpo feminino ideal, valendo-se dos recursos que a ciência dispõe para moldá-lo, ele – o corpo – parece ter se tornado o palco de muitos conflitos e questionamentos” (SOUZA, 2007).

Da mesma forma, podemos pensar na televisão, que divulga a imagem do corpo perfeito por meio de diversas plataformas de comunicação. Isso nos leva a acreditar que a imagem eterna da juventude e do corpo ideal abrange todas as idades e classes sociais, constituindo estilos de vida de diferentes maneiras. Nesse sentido, essas fábricas de imagens como filmes, televisão, anúncios e revistas têm contribuído para a construção de um eu ideal feminino imaginário.

Essas plataformas de comunicação dedicam cada vez mais a sua programação à apresentação de novos desenvolvimentos nas indústrias de cosméticos, de alimentos e de vestuário, levando à construção de uma subjetividade alienada a um ideal de perfeição narcisista, produzindo cada vez mais sofrimento às mulheres em nossa sociedade. Os anúncios veiculados nesses meios de comunicação tentam constantemente vender algo que não está nas prateleiras: sucesso e felicidade (CAMARGO, s/d).

Em “O Mal-Estar na Civilização”, Freud discute os meios pelos quais a sociedade desenvolveu esse aspecto de opressão, examinando como os padrões da sociedade afetam nossa felicidade, tendo influência em nosso comportamento e pensamentos. A infelicidade é uma experiência sempre presente na condição humana. Ele identifica pelo menos três de suas fontes: o corpo, o mundo externo e a relação com o semelhante. (ASSIS, 2022)

Isso evidencia ainda os conflitos entre o indivíduo e a sociedade, em que os desejos naturais são tentados de serem controlados e reprimidos. Esse conflito pode levar a problemas mentais, alterações no comportamento e na forma como nos relacionamos com os outros.

Nessa obra "O Mal-Estar na Civilização", ele usa o termo "mal-estar" para descrever uma sensação de descontentamento ou desconforto. Explicando que esse mal-estar pode ser causado por pressões sociais, que podem vir da sociedade em geral ou de imposições mais próximas, como a família.

2. CAPÍTULO 2 - Os efeitos do eurocentrismo para a construção da imagem de beleza da mulher negra

Para Anibal Quijano, importante sociólogo e pensador humanista peruano, muito conhecido por ter desenvolvido o conceito de "colonialidade do poder", com a colonização, a Europa criou categorias raciais, a fim de justificar a opressão/controlado/dominação de povos indígenas, africanos e outros grupos considerados "não-europeus". Essas categorias serviram para hierarquizar e explorar populações não-europeias, consolidando a dominação europeia do campo econômico, ao social e cultural.

Considera a raça uma invenção colonial, uma forma de categorizar e dividir a humanidade de modo que eles possam justificar o controle e a desigualdade social. Esse sistema racializado coloca os brancos europeus no topo e os "não-brancos", especialmente os negros e indígenas, em posições subordinadas/servos.

Eurocentrismo é aqui compreendido como o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de meados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa (QUIJANO, 2005).

Aspectos do branqueamento são importantes para apontar os efeitos do eurocentrismo no eu identificatório do negro. No Brasil, o branqueamento é frequentemente retratado como um problema do negro, que buscava se identificar com o branco para diluir suas características raciais. Nesse processo, o branco aparece como modelo universal de humanidade, alvo de inveja e desejo dos grupos não-brancos, vistos como "menos humanos". Contudo, o branqueamento é uma estratégia criada e sustentada pela elite branca brasileira, apresentando como um problema exclusivo dos negros. Essa elite estabeleceu seu grupo como padrão de referência, fortalecendo sua autoimagem e legitimando sua supremacia econômica, política e social. Paralelamente, investiu na construção de um imaginário negativo sobre os negros, minando sua identidade racial, culpando-os pela discriminação e justificando as desigualdades raciais (BENTO, 2017). Segundo Fanon (1980), haveria por parte da elite branca, o medo em relação ao negro, voltado à sexualidade, pois o branco europeu sofria repressão por parte dos ideais da igreja católica e assim, o negro passa a ser visto como perigoso, pois não reprime a sua sexualidade.

Neusa Santos Souza, em sua obra Tornar-se negro (1983), nos convida a refletir sobre a autoimagem e a construção da identidade das mulheres negras. Criticando padrões de beleza que a

sociedade impõe, que acabam dando força e favorecendo a estética branca, argumentando que isso leva a uma baixa autoestima entre as mulheres negras. Sabemos que é preciso valorizar a beleza negra e buscar um reconhecimento positivo, incentivando que as mulheres negras redefinam o que significa ser bonita (o belo), a partir de suas próprias histórias e culturas.

Entende-se por autoestima a avaliação que a pessoa faz de si mesmo. Expressa uma atitude de aprovação ou de repulsa e até que ponto ela se considera capaz, significativa, bem-sucedida e valiosa. É o juízo pessoal de valor expresso nas atitudes que o indivíduo tem consigo mesmo. É uma experiência subjetiva que pode ser acessível às pessoas através de relatos verbais e comportamentos observáveis (ASSIS E AVANCI, 2004, p.16).

Compreendemos que existe uma relação direta entre autoestima e a cultura. Em uma cultura pautada no racismo, a autoestima pode se apresentar de forma negativa.

O eurocentrismo, aplicado na América Latina, na perspectiva de conhecimento, opera como um espelho que distorce o que reflete. Quer dizer, a imagem que encontramos nesse espelho não é de todo ilusória, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somos profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida.

Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida (QUIJANO, 2005).

A perspectiva eurocêntrica, na interpretação da história e identidade latino-americana, destaca os valores europeus e desvaloriza a singularidade das histórias e características latino-americanas, que não podem ser completamente compreendidas sob o ideal e visão europeia.

Essa distorção leva à aceitação de uma identidade que não reflete a verdadeira essência da América Latina, dificultando o reconhecimento e a abordagem adequada de seus problemas, resultando em soluções parciais e ineficazes. Quijano (2005) afirma que há necessidade de desenvolver uma perspectiva autêntica que valorize nossas particularidades históricas e culturais.

Podemos afirmar que tal concepção dialoga com o conceito de autonomia, que será desenvolvido em seguida, nesse trabalho.

Neusa Santos Souza nos apresenta em seu livro (1983, p.63-64), as representações do corpo de mulheres negras que foram entrevistadas em grupo e que são forçadas pelo racismo:

“... fiquei insegura quanto à minha aparência física. Acho que as pessoas não vão gostar de minha aparência. Sou grande, mais gorda que as pessoas de minha idade. E também o lance da cor.” (Eunice)

“... eu me achava muito feia, me identificava como uma menina negra, diferente... Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato... Eu era muito invejosa do físico das pessoas - achava que as pessoas eram muito mais bonitas do que eu.” (Luísa)

Os depoimentos evidenciam os efeitos do eurocentrismo na construção da autoimagem e da autoestima, especialmente em relação aos padrões de beleza. O eurocentrismo estabelece características físicas europeias, como pele clara, cabelos lisos e traços finos, como ideais universais, desvalorizando a estética e cultura negra. Essa imposição levou à desvalorização das características afrodescendentes, como mencionado por Luísa, que fala da pressão para modificar seu nariz e cabelo por não se adequar ao padrão dominante. A fala de Eunice revela insegurança quanto à sua cor de pele e ao corpo, por não se encaixar nesses padrões estéticos. É importante lembrar que essas não são “práticas passadas”, dado que atualmente existem opções diferentes para essas modificações físicas. Essas experiências ilustram como a construção da identidade e a autoimagem das mulheres negras são complexas e frequentemente marcadas por uma luta contra os padrões impostos pela sociedade.

3. CAPÍTULO 3 - O ideal de beleza eurocêntrico na mídia brasileira: autonomia e heteronomia

Autonomia é a capacidade de um indivíduo gerar normas, ordens para sua vida, conforme as diversas situações que enfrente. Ela é uma "condição", envolve dois aspectos: o poder de determinar a própria lei, que está ligado à concepção de liberdade e o poder ou capacidade de realizar. Para que haja autonomia os dois aspectos devem estar presentes, e o pensar autônomo

precisa ser também fazer autônomo. O fazer não acontece fora do mundo, portanto está cerceado pelas leis naturais, pelas leis civis, pelas convenções sociais, pelos outros, etc, ou seja, a autonomia é limitada por condicionamentos, não é absoluta.

Em Filosofia, autonomia é um conceito que determina a liberdade de indivíduo em gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas. Etimologicamente autonomia significa o poder de dar a si a própria lei, *autós* (por si mesmo) e *nomos* (lei). Não se entende este poder como algo absoluto e ilimitado, também não se entende como sinônimo de autossuficiência. Indica uma condição cuja existência é garantida dentro dos próprios limites que a distinguem do poder dos outros e do poder em geral, mas apesar de ser distinta, não é incompatível com as outras leis.

Entendemos autonomia como a capacidade de um indivíduo gerar normas, ordens para sua vida, conforme as diversas situações que enfrente.

Se autonomia é a condição de quem determina a própria lei, a condição de quem é determinado por algo estranho a si é heteronomia. Segundo Lalande (1999), heteronomia é "Condição de uma pessoa ou de uma coletividade que recebe do exterior a lei à qual se submete". Situações como ignorância, escassez de recursos materiais, má índole moral, etc, impõe determinações que limitam ou anulam a autonomia, sendo caracterizadas, portanto, como heteronomia. A autonomia exige uma existência que não é de antemão determinada, a fim de que o sujeito possa exercer o poder de determinar-se. Porém, em um contexto social, econômico e geopolítico do racismo, a autonomia é cerceada cotidianamente, com imposições heterônomas.

Heteronomia significa dependência, submissão, obediência. É um sistema de ética segundo o qual as normas de conduta provêm de fora.

A palavra heteronomia é formada do radical grego “hetero” que significa “diferente”, e “nomos” que significa “lei”, portanto, é a aceitação de normas que não são nossas, mas que reconhecemos como válidas para orientar a nossa consciência que vai discernir o valor moral de nossos atos. Ela é a condição de submissão de valores e tradições, é a obediência passiva aos costumes por conformismo ou por temor à reprovação da sociedade ou dos deuses. (RAMÔA, M. L. e JORGE, M.A.S). No caso do racismo isso se dá por via de uma “endocolonização”, ou seja, do fato do saber estrangeiro ser absorvido pela cultura local como o verdadeiro. (BAUMAN, 2001 apud RAMÔA, 2005)

A autonomia não nega totalmente sua influência externa, os condicionamentos e os determinismos, mas recoloca no homem sua capacidade de refletir sobre as limitações que lhe são impostas, e que observadas lhe dão a direção a seguir.

Outra citação de entrevista no livro de Neusa Santos Souza (1983) contribui para pensarmos o processo de heteronomia vivido por mulheres negras, que foram forjadas pelo racismo:

“... Eu tinha vergonha do meu corpo. Eu queria transar no escuro...

Eu não gostava do meu corpo, dentro de uma coisa de ser negra.

Corpo de negra, corpo de mulher tipo operário.

Isso sempre me grilou pra burro..." (Carmem)

Em um contexto heterônimo, a fala de Carmem expressa a vivência de um corpo que está sujeito a imposições sociais e culturais, ligadas à estigmas de raça, classe e gênero.

A conexão entre características e estereótipos que definem o estigma se torna clara quando a identidade social "virtual" do indivíduo, que se manifesta em relação a expectativas normativas, diverge de sua identidade social "real".

Ao conceito de estigma, Goffman vincula outras categorias: a de "igual", que compartilha o estigma; a de "normal", aquele que não o compartilha; a de "informado", assim denominado por dispor de uma situação que guarda proximidade e familiaridade com a categoria estigmatizada, a exemplo de um(a) amigo(a), parente ou alguém envolvido profissionalmente com as questões do estigma (Goffman 1991, p. 6-7).

Segundo Goffman (1991), se deu em primeiro lugar, as abominações do corpo referindo-se as características físicas como defeitos ou doenças visíveis que afastam o indivíduo da norma social. Em segundo, as culpas de caráter individual, relacionado a comportamentos ou falhas pessoais, como vícios, distúrbios mentais, crimes ou crenças políticas radicais. Em terceiro, os estigmas tribais, de raça, nação ou religião, transmitidos de geração em geração e usados como forma de discriminação.

Em todos os casos de estigma mencionados, observam-se as mesmas características sociais: uma pessoa que poderia ser facilmente integrada nas interações diárias acaba possuindo uma marca que chama a atenção e afasta aqueles ao seu redor, ofuscando as demais qualidades que ela possui.

Dando continuidade no que tange a esse ideal de beleza eurocêntrico baseados no conceito de autonomia e heteronomia, abordaremos a jornada da cantora e artista Jordana Gleise (Jojo Todynho) conhecida por sua autenticidade e discurso de aceitação, que acabou se tornando símbolo de resistência ao padrão estético imposto às mulheres negras. Entretanto, observou-se sua conformidade com aspectos voltados aos padrões eurocêtricos de beleza.

Um exemplo disso foi sua decisão de realizar intervenções estéticas, como procedimentos de emagrecimento e cirurgias plásticas. Embora Jojo tenha celebrado estar satisfeita com seu corpo e defendido o empoderamento, também tornou públicas suas mudanças corporais, gerando debates.

Algumas críticas sugerem que essas decisões podem perpetuar estigmas eurocêtricos de beleza, ao se aproximar de uma estética que frequentemente exclui ou marginaliza corpos negros fora dos padrões.

É importante contextualizar esse tipo de escolha dentro das pressões da indústria do entretenimento um exemplo (a mídia) e da sociedade em geral. Mulheres negras geralmente enfrentam um duplo desafio: lutar contra os estigmas raciais e lidar com os padrões estéticos que privilegiam corpos magros e traços finos, historicamente associados ao ideal de beleza europeu.

Em vista disso, podemos identificar esse conflito enfrentado por mulheres negras ao equilibrar sua afirmação identitária com as pressões estéticas da sociedade atual. Jojo Todynho se posiciona como símbolo de resistência e reflexão, ao mesmo tempo em que suas escolhas pessoais destacam a complexidade das negociações entre individualidade e padrões sociais hegemônicos.

Contudo, o fato de Jojo ter realizado mudanças estéticas em seu corpo provocou reflexões mais amplas sobre como mulheres negras lidam com as exigências impostas pela sociedade contemporânea.

Essa pressão estética diante dos padrões eurocêtricos, como traços finos no rosto e corpos magros, desvaloriza a real característica da mulher negra. Apesar de Jojo Todynho resistir a esses padrões, a pressão midiática e cultural para se encaixar e se conformar ainda é constante. Emagrecimento e procedimentos estéticos são frequentemente vistos como caminhos para

aceitação social, o que influencia figuras públicas como Jojo a avaliar e reavaliar suas escolhas diante dessas normas, que seria o ideal.

O emagrecimento e procedimentos estéticos são vistos como "passaportes" para aceitação social e profissional, especialmente em indústrias que valorizam a aparência física. Como figura pública, Jojo Todynho enfrenta essa pressão constante. Tal exemplo pode ser importante para muitas mulheres, que podem reavaliar suas escolhas diante desses padrões estéticos dominantes.

Muita das vezes mulheres como Jojo, persistem em se iludir, com essa busca incessante pela mudança física, justificando que são impulsionadas pela busca por saúde e bem-estar, o que levanta questões sobre se essas decisões são o reflexo dessa submissão a padrões estéticos ou uma afirmação de autonomia. Esse debate é de muita relevância para mulheres negras, cujos corpos foram historicamente controlados e colonizados por esses ideais. A busca de Jojo pode ser interpretada como uma tentativa de redefinir esse sentido de beleza, saúde e sucesso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quando olho, sou
visto, logo existo.
Agora consigo olhar e
ver. Agora, olho
criativamente e o que
eu apercebo eu
também percebo.
(D.W. Winnicott)*

Como Winnicott nos fala, é preciso olhar, ser visto, para se reconhecer como ser no mundo e para que se dê o processo de construção da subjetividade. Inicialmente, o indivíduo vivencia sua existência por meio do reconhecimento do outro, o que valida sua presença no mundo. Posteriormente, desenvolve a capacidade de percepção ativa, aprendendo a distinguir entre o interno e o externo. Finalmente, ao adotar um olhar criativo/pessoal, é capaz de transformar o que percebe, conferindo novos significados e integrando suas experiências internas e externas. Esse

percurso é crucial para o amadurecimento emocional e a manifestação da criatividade e para a construção de um processo autônomo na vida.

Como isso, há uma diferenciação, nesse processo autônomo na vida, no caso de mulheres negras, pois baseado nesse contexto de idealização do belo, em sua construção de subjetividade, a mulher negra precisa produzir um olhar sobre si de modo a se separar mais precisamente de um olhar ideal impresso pela sociedade, que se baseia na imagem e semelhança da imagem corporal europeia, o que se torna uma violência contra a própria construção do ideal de eu.

Podemos concluir que a idealização do belo é um fenômeno histórico e cultural profundamente enraizado na sociedade, influenciando tanto as percepções individuais quanto as relações sociais. Desde a Antiguidade, os padrões de beleza exaltavam simetria e perfeição, aproximando a imagem humana de um ideal divino. A busca pela perfeição física acabou se tornando uma realidade na sociedade contemporânea, e que, atualmente vem sendo amplificada pela mídia, que desempenha um papel central na disseminação desses padrões de beleza. Esses padrões não apenas influenciam nossa identidade, mas também definem a maneira como nós mulheres negras somos avaliadas pela sociedade.

É evidente como o racismo estrutural e o ideal de beleza europeu desvalorizaram e ainda desvalorizam as características biológicas e culturais das mulheres negras, impondo a elas esse modelo estético que nega sua identidade, gerando muitos conflitos internos.

A psicanálise contribui para o entendimento desse processo ao diferenciar o "eu ideal" do "ideal do eu", mostrando como esses conceitos são moldados por valores culturais e como a desconexão entre a identidade real e os ideais impostos, pode gerar tensões emocionais e psíquicas.

A partir de Lacan, podemos entender como o processo identificatório é dinâmico, envolvendo tanto aspectos imaginários, quanto simbólicos. A busca por um ideal que dissocia o imaginário, do simbólico, causa frustrações e insatisfações. A pressão gerada pelos ideais midiáticos para se conformarem a padrões inatingíveis geram o sofrimento, e acaba influenciando mulheres que antes não tinham esse ideal, a vincularem saúde à estética, desconsiderando a diversidade dos corpos negros.

Dessa forma, os ideais de beleza funcionam como ferramentas de controle simbólico e cultural, impactando a subjetividade e perpetuando desigualdades. Esse processo reforça a necessidade de reconhecer e valorizar a diversidade como meio de desconstruir esse padrão opressor.

A influência do eurocentrismo tem um impacto profundo e negativo na construção da autoimagem e identidade das mulheres negras, especialmente em relação aos padrões de beleza. Desde a colonização, o branco europeu se colocou como modelo universal, subordinando e gerando uma influência na cultura e na subjetividade do indivíduo negro.

O branqueamento é apontado como um dos efeitos mais visíveis do eurocentrismo, apresentando o branco como padrão de beleza e humanidade. Essa imposição leva a uma desvalorização das características negras e afrodescendentes, como cabelo crespo, traços largos no rosto e pele escura. No Brasil, esse fenômeno é sustentado por uma elite branca que não só promoveu sua própria imagem como referência, mas também perpetuou um imaginário negativo sobre a negritude, resultando em um sentimento de inadequação e baixa autoestima entre as mulheres negras.

Neusa Santos Souza, em seu livro *Tornar-se negro*, apresenta depoimentos de mulheres negras que ilustram a maneira como essas pressões sociais interiorizam o racismo e as expectativas sociais, que acabaram legitimando as práticas de discriminação e exclusão praticadas pelos europeus. Essa distorção, entre mulheres negras, dificulta o reconhecimento de sua identidade e da história, resultando em soluções superficiais que muitas vezes não atendem suas necessidades, levando à invalidação de si própria. Dessa forma, é defendida a necessidade de que as mulheres negras ressignifiquem a beleza com base em sua própria cultura, trazendo de volta sua autonomia e autoestima, desvinculando-se desses padrões eurocêtricos, que perpetuam o colonialismo até hoje.

O eurocentrismo não apenas distorce a identidade e a autoimagem das mulheres negras, mas também contribui para a manutenção de um sistema de desigualdade racial. É essencial desenvolver perspectivas que valorizem a singularidade das culturas e histórias afrodescendentes, promovendo uma reconstrução identitária que rompa com os padrões impostos e favoreça o reconhecimento da diversidade.

A autonomia, definida como a capacidade de criar e seguir normas próprias, é limitada, nesse contexto, por imposições marcadas pelo racismo e pelos padrões estéticos eurocêntricos. Por outro lado, a heteronomia reflete a submissão a normas externas, muitas vezes absorvidas como legítimas, mesmo quando desvalorizam características identitárias e próprias da mulher negra, alimentando assim os estigmas raciais.

Ao percebermos toda a trajetória de Jojo Todynho, podemos ver o legado deixado pelo colonizador europeu, através dos desafios enfrentados por mulheres negras na sociedade contemporânea, ao ter que afirmar suas identidades em um contexto que marginaliza corpos fora desse padrão eurocêntrico, enquanto lidam com pressões culturais e midiáticas que incentivam a busca por aceitação social. Essas escolhas questionam a autonomia e heteronomia, pois modificar o corpo pode ser visto tanto como adaptação às exigências sociais quanto como tentativa de controle sobre a própria imagem. No entanto, a justificativa dessas mudanças em nome da saúde e bem-estar frequentemente mascara a influência dessas normas sociais.

Conclui-se que a luta contra os padrões eurocêntricos de beleza é uma batalha contínua para as mulheres negras, que enfrentam o peso histórico da desvalorização de seus corpos. A experiência de Jojo Todynho destaca a complexidade dessas negociações entre identidade, autonomia e as pressões culturais, no sentido da heteronomia, sublinhando a necessidade de reflexões críticas sobre como esses padrões afetam a autoimagem e as escolhas das mulheres negras. A busca por redefinir a beleza de forma inclusiva e empoderadora é essencial para desafiar essas imposições e promover maior autonomia e diversidade.

Vale destacar que a valorização de culturas locais e históricas de comunidades marginalizadas, bem como a crítica ao eurocentrismo e ao racismo estrutural, também são sinais de um movimento de desconstrução desse ideal, sendo esse um dos sinais da inclusão ativa desse processo da mídia, fortalecendo a ideia de um possível processo de decolonização do ideal de beleza.

REFERÊNCIAS

ANJOS, L. dos; FERREIRA, Z. Saúde estética: impactos emocionais causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade. Ver. Multi.Psic. V. 15, n.55, p.595-604, maio, 2021.

ASSIS, C. Resenha de “O mal-estar na civilização” (1930) de Freud. 2022. Disponível em: <https://cesarassis.medium.com/> Acesso em 04 de jun. 2024.

BENTO, Maria Aparecida Silva. BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL. [s.l.]: CEERT, 2000. Disponível em: <https://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BOTELHO, Flávia Mestriner. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009.

CAMARGO, Jr. Keneth R. Medicalização, farmacologização e imperialismo sanitário. *Cad. Saúde Pública*. 2013

Maio [citado 23 out 2019];29(5):844-46. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013000500002&lng=en. doi: 10.1590/S0102-311X2013000500002. Acesso em: 28/11/2024.

CAMARGO, Orson. "Mídia e o culto à beleza do corpo"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/a-influencia-midia-sobre-os-padroes-beleza.htm> Acesso em 09 de abril de 2024.

DEL PRIORE. A Beleza e a Feminilidade: Um Olhar Psicanalítico. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 2011, 31 (3), 554-567. Acesso

em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/k7sLLW3XgindwpPdS63pV6g/?format=pdf&lang=pt> Disponível em: www.scielo.br/ Acesso em 03 de junho de 2024

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, ago. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2871/287122083017.pdf>. Acesso em 04 jun. 2024.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo. Ed. Loyola, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.

GOMES, S. “Eu vi que você viu que eu vi”: a tríplice hélice narcísica no pensamento clínico de D. W. Winnicott1. Acesso em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v48n1/v48n1a02.pdf>.

Disponível em: <https://scielo.br/>

KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Codogó, 2019.

LACAN, J. O Seminário. Livro 9: A identificação – 1961-1962. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2003.

LUCAS, DALETH. “MÃE!”, do Imaginário do Eu Ideal ao Simbolismo do Ideal do Eu e sua Relação com o Capitalismo Estetizado. Leitura Flutuante. Revista do Centro de Estudos de Semiótica e Psicanálise. Vol. 10, número 1, 2018.

MARTINS E JUNIOR, Nas tramas do discurso: possibilidades teóricas e metodológicas em Michel Foucault. <https://books.scielo.org/id/hvsdh/pdf/marafon-9788575114438-06.pdf>

MITRE, Rosa Maria de Araújo. Resenha do livro ASSIS, S.G.; AVANCI, JQ. Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/VRyGxzNPdgrVPVSqjB59B8N/?lang=pt#>. Acesso em 26 nov. 2024.

PASSOS 2009. A Análise Foucaultiana do Discurso e sua Utilização em Pesquisa Etnográfica <https://www.scielo.br/j/ptp/a/TsLbK3z9wHWGmyrqR6yGpSz/?format=pdf>

PERIN e LIMBERGER, . Insatisfação Corporal em Mulheres: Correlação como Uso de TICs e Exercício Físico) https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812024000100403&lng=en&nrm=iso / Acesso em 04 de junho de 2024

QUIJANO, Anibal. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales 2005. P.126 e 129 file:///C:/Users/aluno01.epsjv/Downloads/12_Quijano.pdf

RAMÔA, Marise de L. A desinstitucionalização da Clínica na Reforma Psiquiátrica: um estudo sobre o projeto Caps ad. Doutorado em Psicologia Clínica. PUC-Rio, 2005.

RAMÔA, Marise de L. e JORGE, Marco Aurelio Soares. Verbete: autonomia e heteronomia. No prelo.

SOUZA, K. C. V. de. O feminino na estética do corpo: uma leitura psicanalítica. Dissertação de mestrado. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em:
<http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/250/1/Karina%20Carvalho%20Veras%20de%20Souza.pdf> Acesso em 03 de junho de 2024.

SOUZA, N.S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SUENAGA E LISBOA, Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução **a**. 2012. Disponível em:
<http://siaibib01.univali.br/pdf/Camila%20Suenaga,%20Daiane%20Lisboa.pdf>- / acesso 13/10/24